

# SINFONIA NÚMERO QUARENTA

Plínio Carneiro

O calor apertava a roupa de encontro à cintura; debaixo dos braços os pingos escorriam; nem os óculos escuros evitavam que a luz forte, refletida no asfalto, entrasse em seus olhos de ressaca — a cabeça pesada e inútil, presa ao pescoço suado, doía. A sombra da entrada do prédio lhe deu um alívio, os pés cansados de andar naquele meio-dia quente e barulhento. Os carros e os ônibus pareciam pedaços de fogo deslizando no asfalto que se derretia.

De um fôlego venceu os degraus que levavam à redação — o elevador fora para o quinto andar e ele estava bem atrasado. Na sala comprida, cheia de mesas, cadeiras e máquinas-de-escrever, os únicos eram a colunista feminina e o cronista social, às voltas com suas notinhas cheias de vaidade. No fundo, o chefe de reportagem falou com sua boca torta:

— Ei, Barreira, taqui seu roteiro. Vê se não deixa faltar matéria e chega cedo, que ninguém está com ânimo de esperar notícia. E veja se cumpre a pauta, prezado.

Raio, falou baixo ao ler o roteiro. Esse cara tá doido, dá um serviço lá na praça e outro no fim-do-judas, sem carro. Mas ele não podia reclamar, havia sido o último repórter a chegar na redação, agora vazia. Só o Jair, misto de menino de recados, pegador de refrigerantes e telefonista, ainda permanecia na sala, catando as teclas da máquina reservada aos estagiários de jornalismo.

Calor miserável, que não deixa a gente nem pensar. Era preciso organizar a saída, andar no chão quente, entre pessoas suadas e estabanadas. Na rua, o calor, o povo andando de ombros caídos, como se o sol fosse carga pesada neste verão que queimava. As lojas de óleo e pneus, o botequim ao lado do jornal, tudo era um só mormaço, um paradeiro que trazia os sonhos de praia, calção, picolé e *dolce-far-niente*.

---

— O que é que você estava fazendo na porta do Pandiá Calógeras, às 13 horas, sexta-feira?

A voz era do cara de costeleta, de dentes e jaleco brancos. Voz que o despertou de uma ausência que sentia desde que fora levado para o quarto, há três dias. Ele chegara no jornal ao meio-dia para apanhar o roteiro e depois não se lembrava de mais nada, só o calor que o incomodava até agora, a cabeça pesada e os braços sem função, caídos ao longo do corpo.

---

*“Et les sanglons de violons de l’automne, blessent mon coeur d’une langueur monotonne”*. Será? E as suásticas que apareceram, há alguns anos atrás, pintadas nos muros? Será que era a mesma coisa? Alguém está avisando alguém de alguma coisa, isto eu tenho certeza.

Parece até brincadeira, coincidência, mas tanto Mozart assim dá para desconfiar. É só ligar o rádio e lá vem a quadragésima. A gente vira o dial, muda de rádio, e Mozart continua presente. Liga a televisão, corre os olhos pelos jornais — olhai de novo a quadragésima. Dá ou não dá para desconfiar?

Será que o *“molto allegro”* está avisando, informando; nos meandros do *“andante”*, do *allegretto*, há alguma mensagem, destinada a uma resistência, a uma abertura? Parece até romance policial, mas não é. Se fosse música popular, de Chico, Roberto ou Bethânia, ainda passava. Mas a Sinfonia Número 40, do austríaco Wolfgang Amadeu Mozart, tocada a toda hora, virada e dissecada pelos jornais, executada pelas

sinfônicas regionais, assobiada pelos cantos da cidade, tudo isto dá para desconfiar.

E não é nem centenário do compositor, porque essa parafernália em torno da quadragésima? Vamos ligar os fatos e fazer uma investigação: em que tudo isto pode se ligar ao homenzinho de óculos redondos que parece estar me seguindo; e a magrela alta, feia e simpática? e o barbicha de terno azul-marinho? Nem sei o que fazer: cumprir o roteiro ou continuar a pensar na quadragésima?

---

Cinco dias hoje e continua escuro. A luz que a gente vê entra por um buraco que tem ao lado da janela, tapada por fora com tábuas — o escuro parece que aumenta o medo que sentimos do desconhecido.

Ontem foi domingo e as tábuas do lado de fora foram tiradas, deixando uma fresta onde a gente enxergava a parede do outro prédio e, lá na esquina, longe, um pedaço de campo de futebol, só o lado direito e metade de um gol. Foi feito um rodízio para que todos vissem um pedaço de luz, de pessoas. O goleiro que víamos não teve muito trabalho, apenas umas duas ou três bolas difíceis e o resto só bola atrasada. Teve um pênalti, que virou gol, o goleiro caindo para um lado e a bola entrando no outro. O beque veio e passou a mão na cabeça do goleiro. Isto foi no primeiro tempo, porque não houve o segundo para nós: alguém logo colocou a tábua no lugar e adeus jogo.

O escuro até que faz bem, a gente fica perguntando um ao outro como se está de saúde, dá mais assunto quando a gente não vê a cara de sofrimento do colega. Até agora todos estão bem, preparados para o que der e vier.

---

As picadas no braço já não dóem tanto, mas a cabeça pesada e o calor continuam a me incomodar. Preciso avisar minha mãe, mas avisar de quê? A consciência vem e some,

não consigo fixar os olhos na costeleta do homem de branco que vi debruçado sobre mim, hoje, ontem, ou há um ano atrás?

---

Décimo dia, segundo os riscos que comecei a dar na parede. A luz aumentou para nossos olhos, acostumados à escuridão, as mãos andando mais depressa sobre o prato de ágate.

Hoje encontramos, no corredor, com Anselmo. Ele disse que a Lúcia sofreu muito com sua mania de limpeza. Até tomar banho na água de beber ela tomou, molhando um lenço na caneca e passando debaixo do braço. O burrão continua a fazer perguntas bobas e o Joel faz dele gato-e-sapato, falando numa linguagem empolada. Para se vingar, o burrão levou nossas roupas — estamos agora de cuecas, encardidas, fedorentas.

Cheirando mal estamos todos nós. Hoje eu olhei para minha barriga e, no local onde a pele dobra estava escuro, uns pontinhos que já começam a virar caraca. O cheiro de suor é forte, são doze dias sem banho, nossa cara deve estar péssima, devo ter emagrecido um dez quilos.

O de sotaque é um anormal: cara de nortista, barba rala, um palito esgravatando os dentes, ele ri enquanto a gente geme. O pior é se meu ombro se deslocar, é uma dor tão forte que fico sem fala. Joel não conversa mais depois que voltou, chorando baixinho. Preferiu enfiar a cabeça no canto da parede, encolhido no chão. Falei com ele sobre Deus e veio o grito “que Deus, quem é Deus, como é que existe Deus e acontece isto com a gente?”. Joel falou de outras coisas, o choro saindo dos olhos fechados, a boca apertando o lenço sujo.

Estou calado há dois dias, com dor de cabeça. Eles estão mandando pouco pão, arroz sem sal — a batata desapareceu. À vezes a boca fica tão amarga que a vontade de vomitar sobe até a garganta. O silêncio de Joel não me deixa dormir.

---

Será que sonhei ou mamãe veio mesmo me ver? Estou preocupado com o roteiro que tenho que cumprir, com a investigação da quadragésima, mas ninguém aparece para levar os meus recados.

---

O calor diminuía de intensidade, o sol já não amolecia o asfalto. Ele estava parado defronte à mesa do cara de costeletas, olhando fixo para os sapatos brancos à sua frente. Queria perguntar muita coisa, mas a voz não saía. Estava com vontade de chorar, nem sabia porque.

— Não há nada, você pode ir embora. Foi só um sustinho, tá?

Ele queria perguntar, saber muitas coisas, saber uma porção de porquês.

— Esquece, falou o costeleta.

Esquecer o quê, pensava ele enquanto descia os degraus da portaria do prédio. O brilho da tarde ainda feria seus olhos, o povo passava apressado, alheio. A vida não acaba para eles, pensou. Esquecer, como? Desceu os degraus e misturou-se à multidão.